

AFRICANOS NOVOS NA GAMBOA,  
UM PORTAL ARQUEOLÓGICO



Exposição "Africanos  
novos na Gamboa:  
um portal arqueológico"

Projeto

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Diretor: Antonio Carlos Austregésilo de Athayde

Departamento Geral de Patrimônio Cultural

Diretor: Claudio Murilo Leal

Departamento Geral de

Documentação e Informação Cultural

Diretor: Antonio Olinto

Cooperação Científica: Instituto de

Arqueologia Brasileira-IAB

Presidente: Ondemar Ferreira Dias Jr.

Coordenação Geral

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Divisão de Pesquisa

Diretora: Sandra Horta

Concepção / Texto / Pesquisa

iconográfica

Celso Vargas

Pesquisador AGCRJ – Divisão de

Pesquisa

Eliana Teixeira de Carvalho

Museóloga/arqueóloga, DGPC-

Divisão de Cadastro e Pesquisa

Participação Claudia Vianna Lima

Estagiária DGPC/UNIRIO-Museologia

Textos especializados

Dra. Lília Cheuiche Machado

Chefe do Setor de Antropologia

Física do Instituto de Arqueologia

Brasileira - IAB

Doutora em Antropologia Social-

Arqueologia Brasileira/USP

Guadalupe Nascimento Campos  
Doutoranda do Depto de Metalurgia  
e Ciência dos Materiais, PUC/RIO  
Fotografia

Marcelo Malheiros / Marco Belandi /

Eliana Carvalho / Eduardo Rocha /

Alberto Taveira / Maria de Fátima

Silva Lopes / Márcia Bezerra / Alex

Nicolaeff / Cláudio Lima / Pedro

Oswaldo Cruz / Beto Felício

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Divisão de Pesquisa

Sandra Horta - diretora

Alberto Taveira

Lahia Maria Rachid

Diva Maria Dias Graciosa

Divisão de Apoio Técnico

Rita de Cássia de Mattos - diretora

Marco Belandi: reprodução

fotográfica

Divisão de Documentação Escrita e Especial

Domicia Gomes - diretora

Junia Guimarães e Silva

Milene Salem Miranda

Serviço de Documentação Especial

Maria Amélia Lemos - diretora

Serviço de Biblioteca

Elza Elena Pinheiro dos Santos -

diretora

Rosa Maria Dias da Silva

Apoio Administrativo

Maria da Gloria Borsoi

Vania Carmo do Nascimento

Departamento Geral de Patrimônio Cultural

Divisão de Cadastro e Pesquisa

Eliana Monteiro Caetano - diretora

Sonia Zylberberg

Paulo Gentil

Estagiários

História - DGPC/UERJ: Francisco

Rogido Fins[1996/97]; Flávia Maria

de Carvalho[1997/98]; Marcelo

Rodríguez de Oliveira[1998];

Washington Alves da Silva

[2000/01]; DGPC/USU: Felipe

Dourado Caurio[2000/01];

Arqueologia CNPq/IAB: Ana Cristina

Pereira Santos [1996/97]

Divisão de Preservação e

Restauração

Carla Cabral Dominguez Alonso -

diretora

Humberto da Costa Barros

Subchefia Especial

de Assuntos Técnicos

Assessoria de Informática

Martha da Motta - assessora

Wilton Fernandes Palha Neto

Instituto de Arqueologia Brasileira

Departamento de Pesquisas

Dr. Paulo Roberto Seda - diretor

Dra. Rosângela Menezes

Gláucia Malerba Sene

Agradecimentos

Alexander Nicolaeff

Ana Maria de la Merced Gonzalez

Graña dos Anjos

Andréa Borde

Betty Meggers, Phd. Department of

Anthropology, Smithsonian

Institution, USA

Carlos Eugênio Marcondes de Moura

Donald J. Ortner, Phd. Department of

Anthropology, Smithsonian

Institution, USA

Douglas A. Ublaker, Department of

Anthropology, Smithsonian

Institution, USA

Guilherme Solorzano, Phd.

Departamento de Metalurgia e

Ciências dos Materiais, PUC/RIO

Mário Aizen

Petrucio Guimarães dos Anjos

Coleções particulares

Emílio Brondi / Arquivo Geral da

Cidade do Rio de Janeiro

Maria Cecília e Paulo Fontainha

Geyer / Museu Imperial

Sérgio Sahione Fadel

Instituições

Arquivo Histórico do Exército-AHEX,

Ministério do Exército, Rio de Janeiro

Centro de Arquitetura e Urbanismo-

CAU, Rio de Janeiro

Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e

Tecnológico-CNPq

Fundação Biblioteca Nacional

Instituto de Arqueologia Brasileira-

IAB

Instituto de Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional/IPHAN- 6ª SR

Instituto Moreira Salles, Rio de

Janeiro/ São Paulo

Mapoteca do Ministério das Relações

Exteriores, Rio de Janeiro

Museu Histórico Nacional - IPHAN /

MinC

Museu Imperial - IPHAN / MinC

Museus Castro Maya - IPHAN / MinC

PUC/RIO, Depto. de Metalurgia e

Ciências do Material/Laboratório de

Metalografia

Smithsonian Institution-Department

of Anthropology, Washington D.C.

# Sumário

Palavras do Secretário das Culturas.....	4
Palavras do Diretor do Arquivo Geral da Cidade.....	5
Sítio e Região (painéis 1,2,3).....	6 a 8
Cemitérios (painéis 4,5,6).....	9 a 15
Pesquisa Arqueológica (painéis 7,8,9,10).....	15 a 19
Cemitério em Nova York. (painéis 11,12).....	20 a 22
Comércio Atlântico (painéis 13,14,15,15,16).....	22 a 28
Valongo, Mercado de Escravos (painel 17).....	29 a 30
Conclusões (painel 18).....	30



O Rio de Janeiro, palco dos principais acontecimentos que fundaram nossa nacionalidade, tem o privilégio de guardar e preservar registros históricos e arqueológicos que testemunham não só os grandes episódios aqui se desenrolaram, mas também o cotidiano da população, seus costumes, hábitos e culturas.

A Secretaria Municipal das Culturas, por intermédio do Arquivo da Cidade, e em parceria com o Instituto de Arqueologia Brasileira, traz a público os primeiros vestígios da existência de um Cemitério de Pretos Novos, ou seja, de recém-chegados da África, encontrado no bairro da Gamboa.

Lembranças de uma história dramática, de um comércio nefando, as peças encontradas - tigelas, pratos, bacias, panelas, copos, cachimbos - são também registros das culturas africanas, de técnicas artesanais trazidas para o país pelos escravos.

Portanto, não só as mazelas da terrível instituição da escravatura estarão expostas aos visitantes, estudantes e pesquisadores. A arte e a habilidade dos artesãos, os artifícios de embelezamento utilizados pelas mulheres e homens negros, variando as características de acordo com a comunidade, constituem um panorama vívido da cultura brasileira de matriz africana.

Assim, a exposição Africanos Novos na Gamboa, um Portal Arqueológico é uma proposta de reabrir importante canal que possibilite discussão ampla, aberta, democrática e plural sobre a Cidade, sua história, seus problemas e suas culturas.



Riacrdo Macieira  
Secretário das Culturas





Tendo sido atribuída ao Arquivo da Cidade a alta responsabilidade de instituição gestora do Sistema de Memória da Cidade, criado por Decreto do Prefeito Cesar Maia em junho do ano corrente, encaramos esta exposição como cumprimento do compromisso estabelecido entre a administração pública municipal e a sociedade carioca, no sentido de atuar para que sejam preservados e divulgados os registros de nosso passado.

O fulcro de todas as manifestações do Mês da Consciência Negra - organizadas pela Secretaria Municipal das Culturas e pelo Arquivo da Cidade - são os achados arqueológicos verificados na Gamboa, que indicaram a existência de um Cemitério dos Pretos Novos, africanos recém-chegados ao país.

A exposição, que nasce sob a marca deste acontecimento, longe de celebrar os aspectos macabros e tristes de um período trágico de nossa história, representa a recuperação desta memória, com o objetivo de provocar uma discussão ampla a respeito da presença da matriz africana na formação social brasileira, contribuindo para a desconstrução dos mecanismos responsáveis pela exclusão e para a integração harmônica de todos os brasileiros e cariocas.



Antonio Carlos Austregésilo de Athayde  
Diretor do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

## Sítio e Região

### Painel 01

Era uma vez...

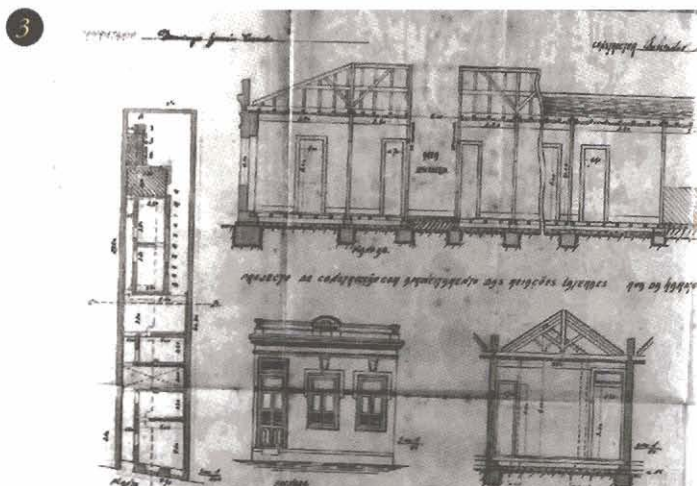
Uma casa construída no início do século XX na rua Pedro Ernesto 36, na Gamboa. Seus donos, Mercedes e Petruccio, resolveram, em 1996, fazer algumas reformas, o que tornou necessário um exame mais aprofundado das fundações e do terreno.

As escavações mal tinham começado quando, misturados ao entulho, depararam-se com fragmentos de crânios e uma grande quantidade de ossos humanos. Ao contrário do que costuma ocorrer em casos semelhantes, eles suspeitaram tratar-se de um achado relevante, e comunicaram o fato ao Centro Cultural José Bonifácio, situado na vizinhança. Este transmitiu a informação para o Departamento Geral de Patrimônio Cultural, órgão da Secretaria das Culturas.

Em seguida, uma equipe de profissionais da Prefeitura da Cidade e do Instituto de Arqueologia Brasileira foi ao local e confirmou o seu potencial arqueológico. Foi iniciado, então, um trabalho emergencial de salvamento.

Durante cerca de dois meses, apesar das condições precárias, os especialistas examinaram cuidadosamente o entulho das obras, conseguindo resgatar milhares de fragmentos ósseos humanos, artefatos de cerâmica, vidro, metal, e outras evidências arqueológicas.

Ao mesmo tempo, pesquisas históricas preliminares indicaram a possibilidade de se estar na presença do antigo



1) Uma visão do local onde foram encontrados os vestígios arqueológicos. Em primeiro plano, a casa nº 36 da rua Pedro Ernesto.  
Fotos A.Taveira [2001]

2) O casal Mercedes e Petruccio, proprietários da casa onde ocorreu a descoberta arqueológica.  
Foto E. Carvalho [1996]

3) "Projecto de construção com aproveitamento das meiações laterais".  
Consta de : Planta baixa, fachada e vista lateral.  
Construtor: Salvador da Silva Couto. / Proprietário: Domingos Garcia Conde  
Data: 26 / 05 / 1913.  
Planta original do imóvel nº36 da atual rua Pedro Ernesto.  
Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Cemitério dos Pretos Novos, lugar destinado aos enterramentos de escravos africanos recém-chegados que morriam logo após o desembarque.

Podia se tratar, portanto, de uma relevante descoberta, não só para a história da cidade do Rio de Janeiro mas, também, para a do Brasil e da África.

O que foi reconhecido, mais tarde, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que identificou o local como sítio arqueológico e colocou o terreno onde fica a casa de Mercedes e Petruccio sob sua proteção.

## Painel 2

"Antes nós tínhamos a terra e eles a Bíblia; hoje, nós temos a Bíblia e eles a terra"

*Provérbio africano*

Mais de 10 milhões de cativos foram retirados do continente africano, de 1500 a 1850, quase metade deles desembarcada apenas no Brasil.

A princípio, o tráfico atlântico foi um negócio europeu. A descoberta do ouro e diamantes nas Minas Gerais provocou uma demanda sem precedentes de escravos, transformando o porto do Rio de Janeiro em um entreposto estratégico.

A maior parte do comércio negro, sobretudo de Angola e Moçambique, passou a ser controlada por empresas estabelecidas na cidade - os negociantes de grosso trato. A



posição central do Rio se consolida quando se tornou capital (1763) e com a chegada da corte portuguesa (1808).

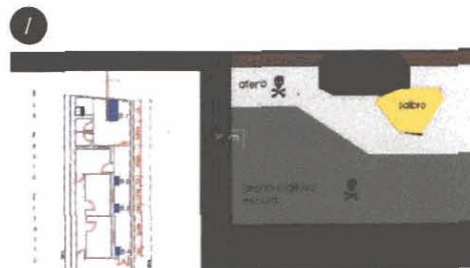
Até 1800, a cidade recebeu uma média de 10 a 12 mil escravos por ano. E entre 1800 e 1850 foram desembarcados cerca de um milhão de africanos. O Rio de Janeiro concentrou, no século XIX, a maior população urbana de escravos existente no mundo desde o final do Império Romano.

O principal local de desembarque e armazenamento foi, durante muito tempo, a atual Praça Quinze e arredores. Com o crescimento do tráfico, a presença maciça de escravos tornou-se mais incômoda. Em seu relatório, o Marquês do Lavradio informava que:

*"As pessoas honestas não se atreviam a chegar às janelas; as que eram inocentes ali aprendiam o que ignoravam e não deviam saber. Logo que desembarcavam, vinham para as ruas, cheios de infinitas moléstias... e ali mesmo faziam tudo que a natureza lhes lembrava, não só causando o maior fétido... mas até sendo o espetáculo mais horroroso que se podia apresentar aos olhos".*

Por isso, por volta de 1770, ele resolveu transferir o mercado de escravos para a região do Valongo, que, na época, era ocupada por chácaras e hortas.

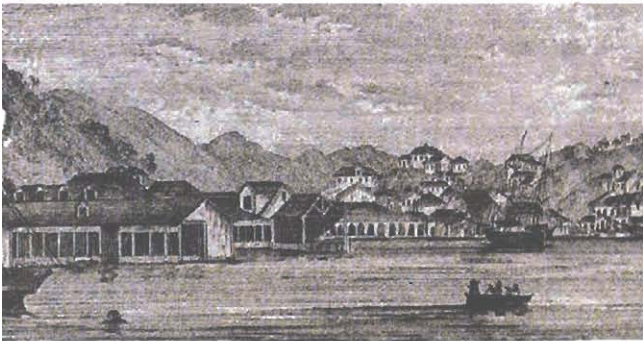
A mudança vai estimular uma série de novas atividades na área. Armazéns, trapiches e manufaturas se instalam. As chácaras são loteadas. Pântanos são aterrados e ruas abertas, entre elas a do Cemitério - o antigo Caminho da Gamboa. Antes mesmo que o tráfico de escravos fosse declara-





1) Perfil estratigráfico [esquemático] do local de procedência principal dos achados arqueológicos [B-1].  
Des. W.Palba [2001], cf. orig. E.Carvalho [1996]

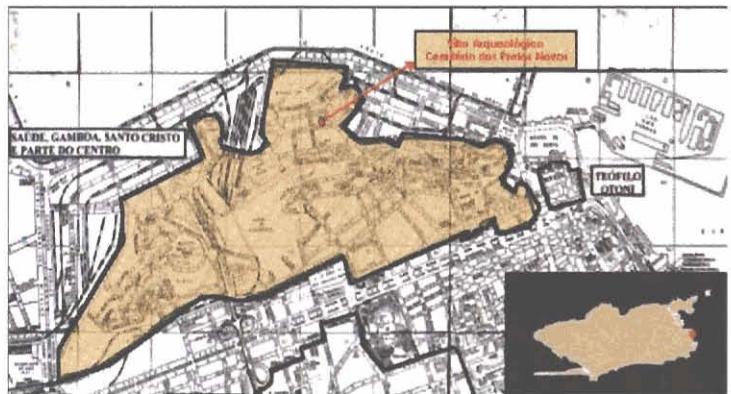
2) FRIEDRICH PUSTKOW  
Saúde, c. de 1850  
Litografia, 4,5 x 19,3 cm.  
Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.  
O litoral da Saúde e Gamboa na metade do século XIX



3) MARC FERREZ  
La Saude, s/d  
Col. Emílio Brondi [19.2.2.113]  
Acervo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro  
Uma visão do litoral da Saúde logo depois da proclamação da República, durante a revolta da Armada contra o governo de Floriano Peixoto, quando já era bastante acentuado o adensamento populacional.

4) Planta de localização da APAC-SAGAS: bairros da Saúde, Gamboa, Santo Cristo e parte do Centro.

do ilegal, quase toda região do Valongo - que englobava a Gamboa, Saúde e Santo Cristo - já estava integrada na malha urbana da cidade



### Painel 03

*"Dei uma caminhada grande; mas, sim, senhor, isto aqui é bonito, é curioso; aquelas praias, aquelas ruas, é diferente dos outros bairros. Gosto disso. Hei de vir mais vezes".*

*(Fala de Rubião, após um passeio na Gamboa; in Quincas Borba, de Machado de Assis)*

O Projeto SAGAS – englobando os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo e parte do centro – teve seu início em 1983, quando associações de moradores e representantes de entidades públicas e privadas reuniram-se para discutir os principais problemas e carências então existentes na área.

Uma das questões consideradas mais graves foi a do uso do

10

solo urbano. A legislação existente, na época, permitia muitos abusos, possibilitava alterações e atividades que, em grande medida, desrespeitavam ou contrariavam a história, tradição e a cultura locais.

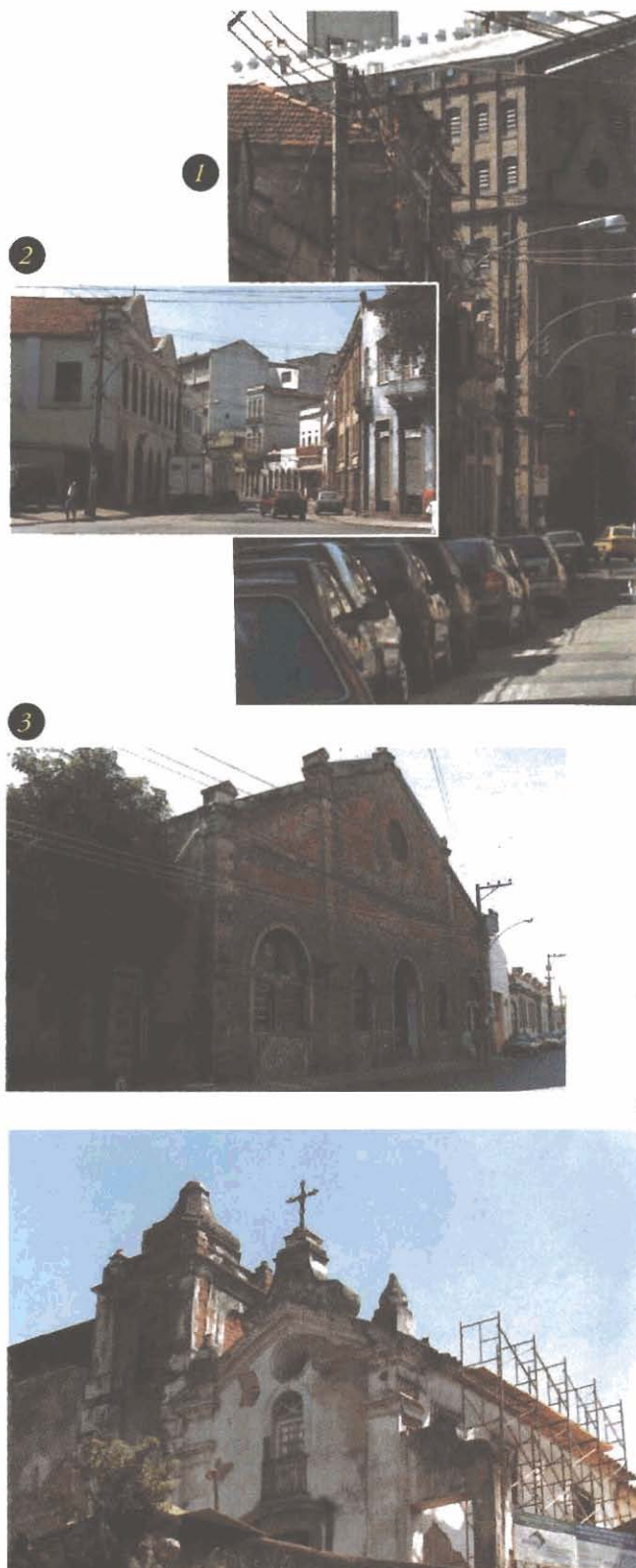
Novas regras eram necessárias, não somente para evitar a degradação urbana naquela parte da zona portuária, mas também para assegurar a manutenção de sua identidade cultural e permitir uma renovação mais equilibrada.

Como resultado, após ampla discussão com as comunidades, surgiu o decreto nº 5459 de 08/11/85, que estabeleceu parte dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo como área de interesse para preservação, transformada, mais tarde, com o decreto nº 7351/88, em uma APAC - Área de Proteção do Ambiente Cultural.

Diversos bens históricos e culturais – igrejas, fábricas, pinturas murais, vilas e cortiços – foram tombados e considerados Patrimônio da Cidade. Cerca de 1.800 imóveis foram preservados e os demais passaram a ser tutelados, como indicadores de um passado rico em lembranças e vivências.

Arquitetos do Departamento Geral de Patrimônio Cultural começaram a orientar, mediante implantação de um escritório técnico (TEC - SAGAS), moradores, usuários e proprietários nas reformas ou reconstruções de seus imóveis. Mudanças foram realizadas seguindo parâmetros atualizados, procurando-se manter a originalidade, sem perder de vista o ritmo e a volumetria do conjunto edificado.

Desde sua criação, o Projeto SAGAS ajudou a recuperar ou renovar inúmeros bens culturais nos três bairros, contribuindo para a preservação e a renovação criteriosa, evitando o esface-





lamento e o congelamento de um lugar fundamental na memória da Cidade.

## Painel 04

### *Akuá-mOxi-ia-marú*

#### *"Os de debaixo da terra", em idioma Quimbundo*

A princípio, os escravos eram enterrados em cemitérios ou em terrenos próximos das igrejas. Muitas vezes, porém, os corpos eram jogados nas praias ou abandonados pelas ruas. Em 1655, os franciscanos destinaram um terreno junto ao morro de Santo Antônio, próximo ao atual Largo da Carioca, para sepultamento de escravos índios e negros que, já em 1709, estava repleto.

Um dos mais antigos cemitérios foi o do Hospital da Misericórdia. Enquanto a população da cidade era pequena, assim como o tráfico, o antigo e pequeno campo santo existente por trás do Hospital da Santa Casa, junto ao morro do Castelo, foi suficiente. Só em 1798 ali foram enterrados 1.360 corpos.

O enterramento de pobres e escravos na Santa Casa:

*"causa horror ao mais indiferente passante. Sem esquife, muitas vezes sem a menor peça de roupa são atirados numa cova que nem tem dois pés de profundidade. Dois negros conduzem o morto para a sepultura, em uma padiola ou rede presa a comprida vara, atiram-no no buraco, como a um cão morto,*

1) Vista da rua Pedro Ernesto, vendo-se ao fundo o tradicional Moinho Fluminense  
Foto M.Belandi [2001]

2) Ambiência urbana preservada: vista da rua da Gamboa, com antigo trapiche à esquerda.  
Foto M.Belandi [2001]

3) Rua Santo Cristo, antigamente à beira-mar: trapiche Modesto Leal [tombado] e ambiência da rua.  
Foto M.Belandi [2001]

4) Suave e dominante presença da Igreja Nossa Senhora da Saúde, construída a partir de 1722, bem tombado federal, em início de obra de restauração.  
Foto M.Belandi [2001]

5) Detalhe de ornamento arquitetônico na platibanda de edificação preservada à rua Sacadura Cabral.  
Foto M.Belandi [2001]



põem um pouco de terra solta por cima e então, se por causa da pouca profundidade da cova, alguma parte do corpo fica descoberta, socam-no com pesados tocos de madeira, de forma que acaba formando-se um horrível mingau de terra, sangue e excrementos". C. Seidler (1834).

"O enterro é muito simples; faz-se uma cova profunda onde os corpos são colocados. Antes de serem enterrados aí, são depositados sobre um estrado numa casinha que fica no meio do cemitério, até que haja um número suficiente de corpos. Então é realizada a cerimônia fúnebre para todos eles, que são colocados nas covas sem caixões. Algumas vezes nus, mas normalmente envoltos em lona. São colocados de lado, geralmente com a cabeça virada para os pés do outro. Nunca estive neste lugar sem que houvessem quatro ou cinco corpos esperando para serem enterrados e ao sair sempre me encontrava com outros chegando". R. Walsh (1828)

Sobre os funerais dos escravos neste antigo cemitério, Walsh relata que:

"Diariamente pode-se ver seus corpos nus, jogados em velhas esteiras suspensas por uma vara levada por dois outros negros; seus braços e pernas geralmente pendem para fora, arrastando-se no chão. São levados assim ao vasto cemitério anexo ao Hospital da Misericórdia. Aí são jogados numa extensa vala, onde cheguei a ver de dez a doze corpos amontoados, sem nem uma pá de terra sobre eles".

Com o crescimento do tráfico, foi aberto um outro local para enterrar os escravos recém chegados que morriam. Para



1) PIETER GODFRED BERTICHEN [del. e lith.]  
Hospital da Santa Casa da Misericórdia, c. 1840-1860.  
Litografia, 30,0 x 43,5 cm.  
Col. Maria Cecília e Paulo Fontainha Geyer / Museu Imperial.

Uma visão da área da Misericórdia, destacando-se o antigo hospital e a igreja. O primeiro cemitério de escravos da cidade ficava próximo ao morro do Castelo.

2) T.HUNT, seg. HENRY CHAMBERLAIN  
Funeral of a negro [Londres], c.1822  
Água-tinta colorida, 22 x 28,2 cm  
Acervo Museus Castro Maya - IPHAN/MinC [reg.MEA-3374]  
Uma das formas mais comuns de se conduzir o cadáver de um escravo no Rio de Janeiro.

3) EDUARD HILDEBRANDT  
Largo de Santa Rita, 1846  
Quadro a óleo sobre Acervo Sérgio Sabione Fadel  
A área em frente à igreja de Santa Rita foi, durante muito tempo, usada como cemitério para os escravos recém-chegados da África.  
Acervo Arquivo Histórico do Ministério do Exército, Rio de Janeiro.  
Foto P. Oswaldo Cruz [2000]

4) FRANCISCO JOÃO ROSCIO.  
Planta da Cidade do Rio de Janeiro Capital dos Estados do Brasil com Projeto de Húa Trinxeira, ou Fortificação Ligeyra e Parte da Campanha. Planta E, em 1769.  
Manuscrita, aquarelada, 383 x 482  
Acervo Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro  
Foto B. Felício [2000]  
Em destaque no mapa o traçado do antigo Caminho da Gamboa, depois rua do Cemitério, depois rua da Harmonia, e, hoje, Pedro Ernesto. Ele ligava a praia do Valongo à praia da Gamboa.

5) CAPITÃO RAYMUNDO M. DE S. EVERARD  
Plano da Marinha do Norte da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro com suas fortificações, 1863. Cópia manuscrita do original de 1794. Nanquim e aquarela sobre papel, 44 x 115 cm Acervo Arquivo Histórico do Ministério do Exército, Rio de Janeiro.  
Foto P. Oswaldo Cruz [2000]  
Nesta planta de 1794, feita pelo Capitão Raymundo Everard, vemos assinalado, no retângulo junto ao caminho da Gamboa, um terreno por ele identificado como sendo a Chácara do Intendente.

isto, foi utilizado um amplo terreno defronte à Igreja de Santa Rita, construída no início do século XVIII.

## Painel 05

"O cemitério dos que escapam para sempre da escravidão."

G.W. Freireyss, em visita ao Cemitério dos Pretos Novos (1814)

A transferência do mercado de escravos para o Valongo, no final do século XVIII, implicou também na mudança do cemitério dos pretos novos do Largo de Santa Rita para o Caminho da Gamboa. O local recebeu o nome de Cemitério dos Pretos Novos, assim como o antigo caminho passou a ser rua do Cemitério, depois da Harmonia e, hoje, rua Pedro Ernesto.

Em 1814, moradores do Valongo solicitaram a criação de uma nova paróquia, separada da de Santa Rita. A proposta incluía a transferência de terrenos, incluindo o Cemitério dos Pretos Novos, para a nova freguesia de Santana.

O vigário de Santa Rita foi contra o desmembramento, sobretudo porque implicava "na perda dos réditos advindos dos trabalhos paroquiais exercidos no dito Cemitério".

A questão somente foi resolvida em 1816, com o estabelecimento dos limites entre as duas paróquias. Mas o vigário de Santa Rita manteve sob seu controle "o suspirado, e assaz interessante Cemitério". (Pizarro, 1822)

Os escravos novos africanos em todos os aspectos, inclusive na morte, recebiam um tratamento muito pior do que os escravos ladinos e até mesmo os pobres em geral.

São raras as descrições sobre o Cemitério dos Pretos Novos. Elas realçam a tristeza dos que o visitaram e o quanto este local era relegado ao abandono e descaso.

Sabe-se que já em 1770 encontrava-se funcionando. Era um terreno muito baixo, a pouca altura do pântano, cercado por um muro precário.

Possuía "50 braças em quadra" ( 01 braça = 2,20 metros), sendo de pequeno tamanho relativamente ao número de mortos que ali eram enterrados anualmente.

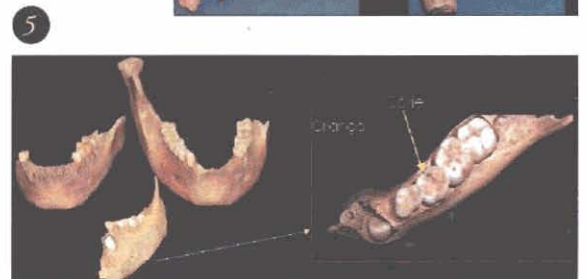
Disponha apenas de um coveiro, ofício exercido por um negro que, às vezes, era ajudado por outros. Os corpos nus eram envoltos em esteiras, amarradas por cima da cabeça e por baixo dos pés.

O rito era sumário: de forma descuidada, sem abrir covas, jogavam um palmo de terra sobre cada um deles, lançados aos pares.

Os sepultamentos eram feitos uma vez por semana, de modo que muitos cadáveres jaziam empilhados à espera de serem enterrados. O monte formado ficava exposto ao tempo e depois das chuvas, que carregavam a terra, muitas partes dos corpos se descobriam. De vez em quando, queimava-se um monte de cadáveres semidecompostos.

Para completar este quadro, a grande umidade do solo e as casas ao redor impedindo a circulação do ar acentuavam os desagradáveis odores emanados do local.

Pouco antes de sua extinção, em 1831, o Senado da



Câmara denunciou à jurisdição eclesiástica responsável, a maneira "indecente e inumana" como eram ali sepultados os cadáveres, solicitando providências junto aos vereadores para que tais estabelecimentos se formassem fora das povoações.

Para os anos finais de existência do Cemitério dos Pretos Novos - 1824 a 1830, o Livro de Óbitos da Igreja de Santa Rita registrou o sepultamento no local de cerca de 4.000 escravos recém chegados - homens, mulheres e crianças, informando também o nome e tipo dos navios que os trouxeram, a marca dos proprietários e as "nações" ou portos de origem.

## Pesquisa Arqueológica

### Painel 06

O estudo de ossos humanos encontrados em sítios arqueológicos é uma importante fonte de conhecimento sobre as condições de saúde e aspectos socioculturais das antigas populações.

No sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos a análise biológica dos ossos não cremados, apesar das condições precárias nas quais foi realizado o salvamento, permitiu identificar cerca de 28 indivíduos, predominando jovens do sexo masculino, com idade estimada entre 18 e 25 anos. Verificou-se também a presença de adultos, de adolescentes entre 12 e 18 anos e de crianças entre 03 e 10 anos.

Um fato interessante a destacar é que mais da metade

6



1) J.A. DOS REIS e PAULO DOS SANTOS FERREIRA SOUTO  
*Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 1812.*  
*Gravura sobre papel, 92 x 123 cm*  
*Acervo Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro*

*Foto P. Oswaldo Cruz [2000]*

*Na planta da cidade encomendada por D.João, em 1812, o terreno retangular no caminho da Gamboa continua assinalado, mas sem qualquer identificação.*

2) EDUARDO CANABRAVA BARREIROS

*A cidade do Rio de Janeiro nos princípios do século XIX.*  
*Baseada na Planta Régia de 1808/1812, 1965*

*Foto M.Belandi [2001]*

*O autor, além de assinalar o terreno retangular (nº 90), também o identifica como sendo o local do Cemitério dos Pretos Novos.*

*Outras plantas posteriores da cidade continuam a indicar o lado ímpar da rua, onde seria a Chácara de Intendente, como a localização do Cemitério.*

*Os primeiros vestígios arqueológicos, assim como os livros de registro urbano da época, indicam, entretanto, que o Cemitério dos Pretos Novos ficava no lado par da rua.*

3) Fêmures cremados de indivíduos adultos.

*No segundo exemplar à esquerda observam-se marcas recentes causadas pela ação humana atual.*

*Fotos M.Malheiros [2001]*

4) Fragmentos de ossos longos cremados. As diferenças de cor e de fracionamento indicam os vários graus de queima.

*Foto M.Malheiros [2001]*

5) Mandíbulas fragmentadas de adulto masculino [esquerda] e de adulto jovem feminino [direita]. O exemplar menor é a de uma criança com idade estimada entre 8-9 anos.

*Em detalhe, a dentição mista.*

*Foto M. Malheiros [2001]*

6) Padrão de entalhe: dentes incisivos centrais superiores de indivíduo adulto jovem. Os entalhes formam ângulos mediais nas coroas, reduzidas em tamanho com conseqüente exposição da dentina.

*Vistas bucal e lingual*

da amostra estudada - que totalizou 5.563 fragmentos - trazia marcas de cremação, a maioria delas indicando que a queima dos corpos foi efetuada após o descarnamento.

Atualmente está sendo desenvolvido um estudo detalhado sobre o processo de cremação dos ossos encontrados no sítio arqueológico.

Um dos objetivos é o de conhecer as mudanças que ocorrem nos ossos e nos dentes sob aquecimento progressivo. A elevação da temperatura ocasiona alterações na coloração, na textura das superfícies e na morfologia.

Sua identificação possibilita reconhecer características do processo crematório; se efetuada antes ou após a decomposição dos tecidos moles e a distância da fonte de combustão.



1



2

### Painel 07

O exame dos ossos revelou outras importantes descobertas.

É o caso da presença de entalhes nos dentes da arcada superior (incisivos centrais e caninos). Isto significa que os indivíduos, ainda em vida, modificaram intencionalmente a forma de seus dentes.

A prática de entalhar e limar os dentes é um costume bastante difundido na África. Efetuada sobretudo em jovens entre 14 e 20 anos, é usada para cumprir diferentes funções, entre as quais o embelezamento, a identidade tribal e os ritos cerimoniais e de iniciação.

Entalhes formando ângulos mediais nas coroas já



3



4





5

1) Único caso registrado de anemia ativa por ocasião da morte [Cribra Orbitalis]. Fragmento de crânio [orbital] infantil, com idade da criança estimada entre 3 e 5 anos.  
Foto: M.Malheiros [2001]

2) Cerâmica Neo-brasileira com decoração do tipo escovado.  
Foto: E.Rocha [2000]

3) Cerâmica Neo-brasileira. Fragmento de vasilhame globular com decoração ponteadada [aplique], incisa e escovada.  
Foto: E.Rocha [2000]

4) Cerâmica Neo-brasileira: fragmento de cachimbo com incisões formando padrão.  
Sítio Cemitério da Praça Quinze de Novembro  
Foto: E.Rocha [2000]

5) Peso para rede de pescar  
Foto: M.Malheiros [2001]

6) Vaso de cerâmica com vidrado à base de galena.  
Foto: M.Malheiros [2001].



6

foram descritos entre os Bantus da África do Sul, entre os Macuas de Moçambique e entre as tribos da foz do rio Congo e do baixo Zambese. Foram também observados entalhes com um lado pontiagudo e outro arredondado.

Os diversos entalhes identificados nas amostras do sítio arqueológico do Cemitério dos Pretos Novos indicam a procedência africana dos indivíduos ali sepultados.

## Painel 08

### PATOLOGIA ÓSSEA - OSSOS NÃO CREMADOS

Muitas condições patológicas deixam marcas nos ossos e, por isso, podem ser reconhecidas a partir do estudo de amostras arqueológicas.

No sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos, as lesões ósseas foram provocadas por fraturas, infecções, anemias e degenerações.

Um caso raro, em um indivíduo adulto, indicou que por longos períodos ele se manteve de joelhos. A alteração óssea produzida nos dedos dos seus pés é um tipo incomum de degeneração, e foi descrita pela primeira vez por Ublaker, em 1979 (Sítio Ayalam, Equador, 700-1550 da era cristã).

Do ponto de vista dentário, a baixa ocorrência de cáries, associada a outras características observadas, sugere que a população presente nesta amostragem do sítio arqueológico possuía uma boa dentição.



## Painel 09

Os africanos escravizados trouxeram para o Brasil muitas técnicas agrícolas e artesanais essenciais para a vida cotidiana.

Tal como os índios, produziram vasilhas de cerâmica de tipo e qualidade diferentes daquelas usadas pelo colonizador europeu.

As peças - tigelas, pratos, bacias, panelas, copos, tampas e talhas - eram utilitárias e confeccionadas a mão para consumo doméstico das unidades familiares. Também eram feitos de barro cachimbos, pesos de rede e rodela de fuso.

São suas características principais:

- coloração escura e grande resistência;
- decoração por meio de incisões de linhas simples ou paralelas, retas ou onduladas, associadas a desenhos formados por pontos. Combinam-se motivos de origem indígena;
- presença freqüente de apliques (asas, alças e botões) e, às vezes, de cabos, pedestais e fundos planos, elementos de possível influência européia.

Estudos comparativos realizados na América do Norte constataram a semelhança entre este tipo de cerâmica e aquela que é feita atualmente na África Ocidental.

Estes aspectos fazem da cerâmica "Neo-Brasileira", da qual foram encontrados inúmeros fragmentos no sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos, uma das primeiras e importantes tradições tecnológicas produzidas pela parcela dominada da sociedade colonial e que até hoje sobrevive conhecida



como cerâmica "regional".

Outros itens de uso diário, de produção local ou importados, foram também encontrados no sítio e refletem as tecnologias introduzidas pelo colonizador

## Painel 10

"É nossa vontade que nestes reinos não deverá ocorrer nenhum comércio de escravos."

*Rei Alfonso do Congo, 1526*

No século XVI, a África foi alvo de intenso fluxo de mercadorias europeias, apesar do esforço de alguns governantes africanos em conseguir impedir o processo.

Entre as principais, oferecidas em sinal de amizade ou na compra de escravos, ouro, marfim e especiarias, figuravam os ornamentos de metal e contas de vidro.

As contas de vidro foram introduzidas pelos portugueses, por serem mais baratas. Mais tarde, foram também adotadas por comerciantes ingleses, franceses e holandeses como elementos de troca. Elas possuíam diferentes cores e tamanhos, e eram fabricadas em várias regiões da Europa.

No início, as contas "exóticas" eram usadas de forma muito especial pelos membros de maior destaque na sociedade. Foram encontradas contas fabricadas em Veneza, na Necrópole de Kapanda em Angola; um sítio arqueológico do século XVII.

No final do século XIX, as contas passaram a ser obti-

5



1) Stoneware – fragmento de recipiente utilizado para guarda de bebida.

Foto M. Malheiros [2001]

2) Alça com decoração fitomorfa em alto relevo.

Foto M. Malheiros [2001]

3 e 4) StoneChina – louça fina inglesa, padrão em decalque

Foto M. Malheiros [2001]

5) British Views – louça inglesa.

Foto M. Malheiros [2001]

das livremente, marcando definitivamente sua influência na moda e nos costumes de todo o continente africano.

## *Um cemitério de escravos em Nova York*

### **Painéis 11/12**

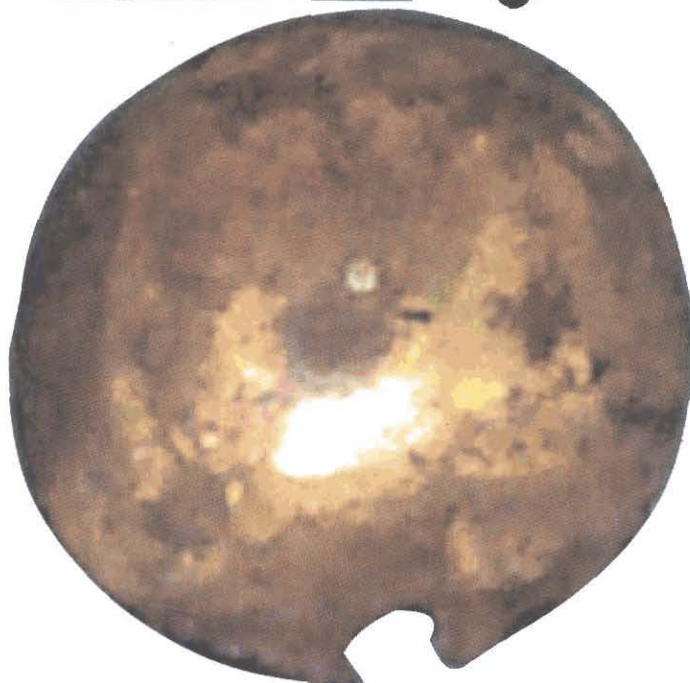
*Uma sociedade pode ser julgada pelo tratamento que ela dá aos seus membros mais vulneráveis.*

*Michael L. Blakey*

Ele foi esquecido durante cerca de dois séculos. Sua memória permaneceu soterrada, indicada apenas em velhos mapas e por esqueletos que teimavam em aparecer naquela parte da cidade, entre as ruas Broadway, Duane, Elk e Reade, dois quilômetros ao norte de Wall Street.

Neste quarteirão, na ilha de Manhattan, em Nova York, funcionou, de 1660 a 1796, um dos maiores e mais antigos cemitérios de escravos dos Estados Unidos, numa época em que cerca de 20% da população da cidade era de africanos. Nele, foram enterradas de 10 a 20 mil pessoas, incluindo escravos, libertos, indígenas e brancos pobres.

Em maio de 1991, durante a construção de um prédio público, às máquinas passaram a desenterrar caixões e esqueletos humanos. Estudos comprovaram a existência do





4

cemitério, mas, com a intensa urbanização ocorrida no século XIX, acreditava-se que seriam poucos os remanescentes, caso houvesse algum.

Mas os caixões e esqueletos, juntamente com outros artefatos, continuaram a surgir em números cada vez maiores. A agência federal não quis interromper as obras. Membros da comunidade afro-americana se mobilizaram, pedindo a suspensão dos trabalhos e a realização de pesquisas mais adequadas no local. Notícias sobre danos causados ao sítio provocaram indignação, levando a atos de protesto, manifestações públicas e outras formas de ação.

Personalidades, artistas e políticos também vieram apoiar o movimento. Em 1992, o primeiro prefeito afro-americano de Nova York conseguiu encaminhar a paralisação das escavações, a formulação de um novo projeto de pesquisas e a idéia da construção de um memorial adequado. No ano seguinte, o antigo cemitério de escravos de Manhattan passou a ser oficialmente considerado um patrimônio histórico nacional e municipal. Mais de 400 sepultamentos e 500 artefatos já haviam sido retirados do solo.

Iniciou-se, então, um longo debate público para resolver o que deveria ser feito em seguida: prosseguir com as pesquisas ou promover os reenterramentos.

O Laboratório de Antropologia da Universidade Howard, em Washington, apresentou um novo projeto, e foi decidido que os remanescentes seriam submetidos a uma análise criteriosa e científica.

Os primeiros resultados evidenciaram:

- a necessidade de se rever a história da escravidão no norte

1) Louça fina, padrão Policroma

Foto M. Malheiros [2001]

2) Louça fina padrão Shell Edge

Foto M. Malheiros [2001]

3) Esfera em metal fundido [latão]

Foto M. Malheiros [2001]

4) Argola em metal fundido [latão]

Foto M. Malheiros [2001]

5) Materiais ferrosos e não ferrosos

Foto M. Malheiros [2001].



5

dos Estados Unidos. A presença de africanos em cidades como Nova York seria muito mais significativa do que se pensava;

- a identidade étnica e cultural de muitos escravos, indicada pelos artefatos encontrados e pelos entalhamentos nos dentes;
- as condições de vida dos escravos, reveladas pelas lesões, deformações e doenças registradas nas estruturas ósseas.

Depois de terminados os estudos e análises, inclusive testes de DNA, o projeto prevê o reenterramento de todo o material em uma parte do sítio destinada para este propósito.

O próximo desafio será a implementação de um memorial para homenagear a primeira de forma visível, geração de africanos que contribuiu para a construção histórica e cultural da identidade da sociedade americana.

1



2



## África e o Comércio Atlântico

### Painel 13

*"A balsa no rio / cai no corrupio / faz passo macio / mas toma desvio / que nunca sonhou..."*

*Luanda, Luanda, aonde estou? Luanda, Luanda, aonde estou?*

*Ascenso Ferreira, cantando o Maracatu*

A princípio, os portugueses tentaram capturar diretamente as populações africanas para escravizá-las. Mas, com a resistência de várias tribos e a necessidade de maiores recursos, eles passaram a negociar os cativos com o apoio de gover-

1) Material ferroso. fragmento de ferradura  
Foto M. Malheiros [2001].

2) Peças Líticas artefato circular [pingente?] com perfuração central  
[b] [c] [d] - seixos naturalmente polidos  
foto M. Malheiros [2001]

3) Contas de vidro  
Fotos M. Malheiros [2001]

nantes locais - os sobas.

Muitos reinos africanos - como os de Benin e Daomé - cresceram organizando expedições contra povos vizinhos. Os escravos passaram a vir de regiões mais distantes do litoral. Para facilitar o comércio e o armazenamento foram construídas feitorias e fortalezas próximas dos locais de embarque ou ao longo dos rios.

Os escravizados eram trocados por armas, pólvora, cachaça, fumo, tecidos, contas, ferramentas e barras de ferro.

No Rio de Janeiro, cerca de 15 traficantes controlavam a maior parte do comércio de escravos entre o Brasil e Angola. O lucro de uma única viagem negreira era muito superior à receita anual de um grande engenho.

Desde sua captura até o desembarque no Brasil, os escravos experimentavam, no mínimo, cerca de um ano de cativeiro.

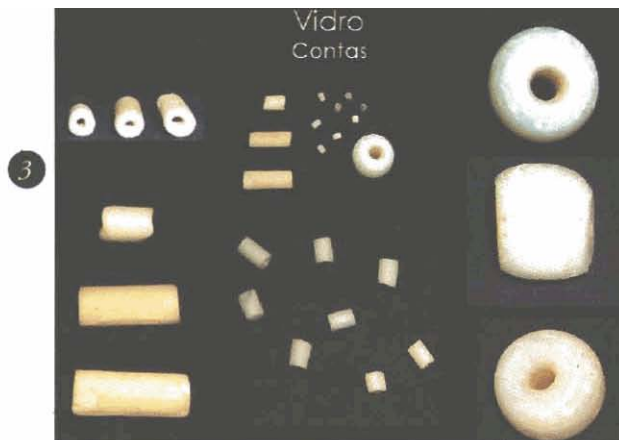
Metade daqueles adquiridos no interior de Angola morriam antes de chegar ao litoral ou enquanto esperavam o embarque.

Muitos africanos acreditavam, com terror, que eram escravizados porque:

- sua carne seria devorada pelos brancos;
- seus ossos serviriam para fazer pólvora;
- e seus miolos para fabricar azeite;

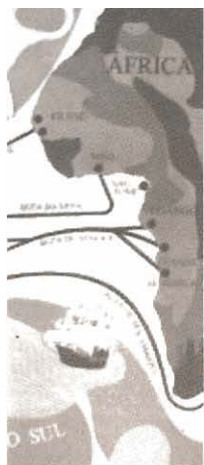
O pintor Rugendas deixou um relato da visão dos porões de um navio negreiro:

*"Esses infelizes são amontoados num compartimento cuja altura raramente ultrapassa um metro e meio. Esse cárcere ocupa todo o comprimento e a largura do porão do*









5



6

1 e 2) African Burial Ground. Esquina de Elk com Duane Street, no baixo Manhattan, Nova York. Neste local foi descoberta e escavada parte do cemitério colonial de escravos. Abaixo [foto 2], o prédio federal cuja construção revelou os primeiros enterramentos.

Foto A. Nicolaeff [1999]

3) I. KIP

"The prospect of the town and Castle del Mina being at NNE about 2 miles, 1732.

Gravura, 11x 35 cm.

4) Mapa esquemático das principais rotas terrestres de escravos na região da África Central Atlântica, c. 1750-1830.

5) As principais rotas e portos atlânticos do comércio negreiro entre o Brasil e a África.

ISRAEL PEDROSA [des.]

6) PIERRE ROCH VIGNERON, seg. J.M. RUGENDAS

"Cabinda/ Quiloa/ Rebolla/ Mina" [Paris] c. 1827-1835

Litografia, 55,6 x 36,4 cm.

Acervo Museu Castro Maya-IPHAN/MinC [reg. MEA 3549]

Moçambique, e outras, menos numerosas: Gabão, Anjico, Moange, Rebola, Kajenge, Cabundá, Quilimane, Inhambane, Mucene, Mombaça.

Os escravos que os portugueses conseguiram na África Ocidental foram, de início, obtidos na costa da Guiné e quase todos pertenciam aos grupos sudaneses.

O centro do comércio deslocou-se, depois, em direção sul, para o reino Bantu do Congo e, após a fundação de São Paulo de Luanda, em 1575, para o reino de Angola, que mais tarde se estendeu para incluir Benguela.

Muitos grupos africanos possuíam formas de identificação étnica. Os Angicos e Monjolos do norte do rio Zaire eram conhecidos pelas escarificações faciais - marcas cicatrizadas na pele do rosto, assim como os de Moçambique - Macuas e Iaôs, que também costumavam limar ou entalhar os dentes.

"Muitos são tratados ou marcados no rosto com luas, estrelas e mais sinais característicos. A outros faltam-lhes os dentes incisivos de cima ou limam-nos em ponta, processos esses de embelezamento africano que os tornam francamente horrendos aos olhos de um europeu" ( E. Ebel, 1824).

"Os de Moçambique têm os dentes incisivos limados e terminados em ponta e os de Madagascar são tatuados e têm por quase todo o dorso desenhos regulares e muito bem feitos"(J. Arago, 1817).

## Painel 15

*"A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais"*

*Machado de Assis*

Os governantes portugueses, desde 1519, tentaram estabelecer regras para o tratamento dos escravos africanos, incluindo a sua identificação.

Muitos, antes de serem embarcados, eram marcados com um ferro em brasa para indicar o seu proprietário. Geralmente, pertenciam ao pequeno grupo de negociantes que controlava o tráfico negreiro. Eles possuíam representantes nos principais portos exportadores, onde adquiriam a carga sob encomenda.

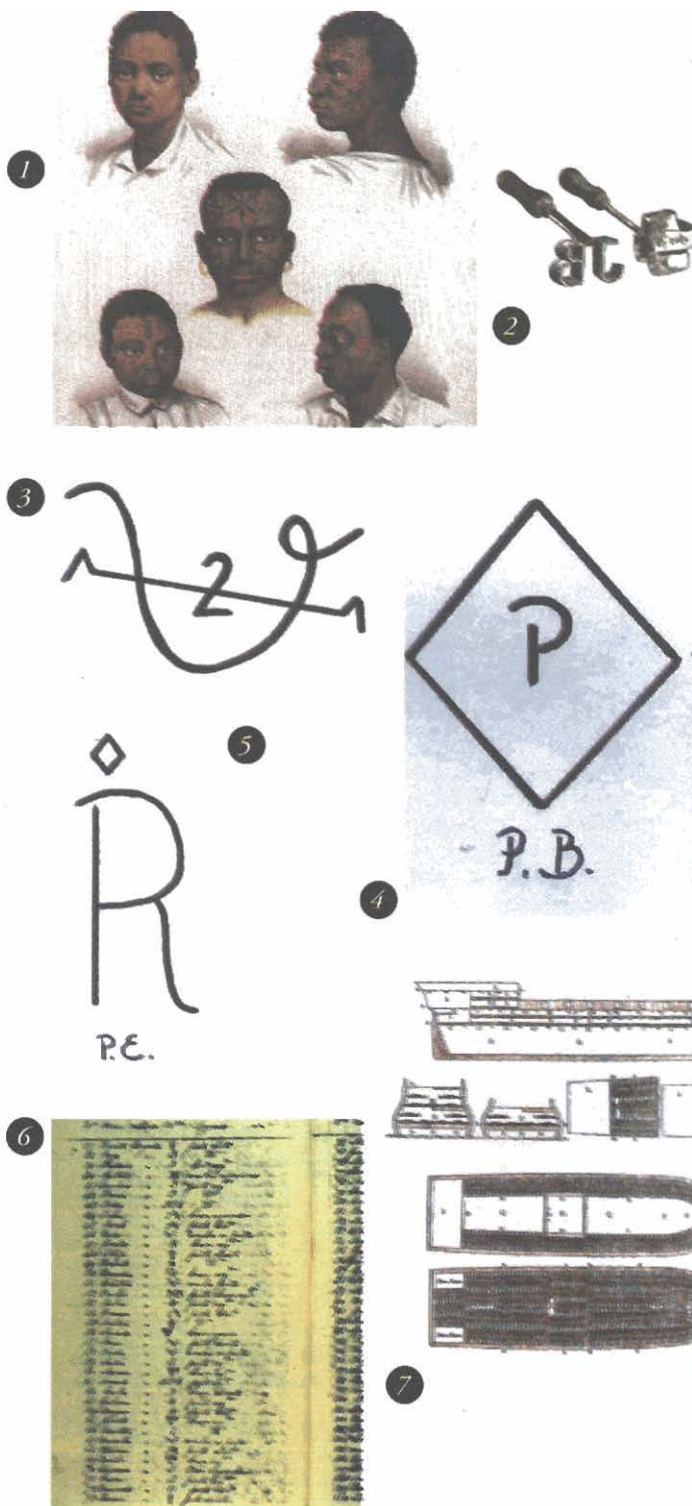
Esta foi, possivelmente, a regra mais cumprida de todas. Dado o elevado índice de mortalidade durante as viagens, era importante saber de quem seriam os sobreviventes.

Recebiam na pele também o sinal da cruz, prova de que haviam sido batizados no ritual católico.

Muitos recebiam a marca depois de desembarcados nos portos de destino ou então eram remarcados.

Outras regras, como o número de escravos ou a quantidade de comida e bebida a bordo, raramente eram seguidas.

As taxas de mortalidade durante a travessia do Atlântico variavam entre dez a vinte por cento, dependendo da época.



## Painel 16

" Ontem a - Serra Leão. / a guerra, a caça ao leão,  
/ o sono dormindo à toa / sob as tendas  
d' amplidão!  
Hoje... o porão negro fundo, / infecto, apertado,  
imundo, / Tendo a peste por jaguar..  
E o sono sempre cortado / Pelo arranco de um  
finado, / E o baque de um corpo ao mar:

### Castro Alves

Diversas embarcações foram utilizadas no tráfico de escravos africanos.

No começo, eles eram trazidos na coberta ou no convés das caravelas ou das naus.

Depois, com o crescimento do negócio, foram empregadas embarcações mais rápidas e com maior capacidade: os bergantins, os patachos, as sumacas e as charruas. Elas permitiam o transporte de 400 a 600 escravos.

E, mais tarde, foram construídos navios com diversas cobertas, projetados especialmente para o tráfico.

Nos navios de três cobertas, os homens viajavam no porão inferior, as mulheres no intermediário e as crianças e gestantes no superior.

Nos navios menores, os homens iam no porão, com as mercadorias, as mulheres nas cabines e os jovens no convés.

Com a especialização, os armadores forneciam plantas que ensinavam a "arrumar" a maior quantidade de cativos. No

8



1) NICOLAS EUSTACHE MAURIN, seg. J.M. RUGENDAS  
"Mozambique" (Negros Moçambiques) [Paris], c. 1827-1835  
Litografia, 55,4 x 35,8 cm.  
Acervo Museus Castro Maya-IPHAN/MinC [reg. MEA 3552]

2) Ferros para a marcação de escravos.  
ISRAEL CYSNEIROS [Des.], 1971.

3) Diferentes marcas de identificação dos escravos, com indicação da parte do corpo onde elas eram feitas.  
Cf. Livro de Óbitos da Freguesia de Santa Rita 1824- 1830  
Acervo Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro  
A marca indicava escravo de propriedade de João Alves da Silva Porto, trazido de Cabinda no bergantim Galliana. P.B. significa peito e braço.

4) A marca identificava escravo pertencente a José Lopes da Costa Moreira Júnior, vindo de Moçambique no bergantim Seis de Fevereiro. P.E. significa peito esquerdo

5) Marca em escravo trazido de Benguela, em 1824, no bergantim Dezengano e enterrado a mando de Joaquim Antônio Ferreira. P.E significa peito esquerdo.

6) Página do registro de escravos encontrado no patacho Paquetá, procedente de Benguela. Na coluna da esquerda, o nome de batismo cristão; na da direita, a indicação das marcas e da parte do corpo onde foram feitas.

7) AUTOR DESCONHECIDO  
"Plan and section of a slave ship designed to give the spectator an idea of the sufferings of the Africans in the Middle Passage". 1808.  
Dimensão do navio negreiro "Brookes", na escala de centímetros, feito para conter 450 negros, porém, muitas vezes, contendo até 600.

8) Um navio de três porões mostrando a disposição da carga e a divisão dos escravos entre homens, mulheres e crianças.

final, navios a vapor chegaram a transportar até mil escravos por viagem.

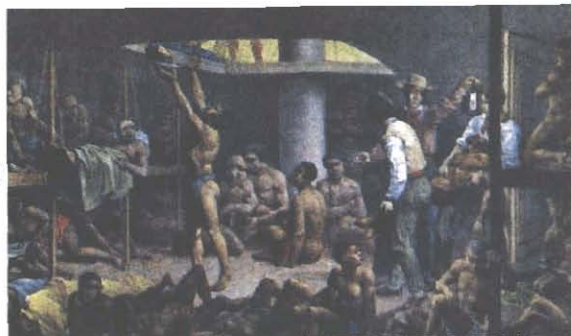
Entre 1799 e 1816, apenas no Rio de Janeiro, foram negociadas 390 embarcações para o tráfico negreiro, sendo 172 bergantins e 37 galeras, além de sumacas e corvetas, todas naus de longo curso.

Até 1700, a maioria dos africanos trazidos para o Brasil eram embarcados em portos na Guiné e no Congo. Durante o século XVIII predominou a região do Congo e da Angola. A cidade de Luanda foi o maior porto exportador de escravos.

Outros portos importantes foram o de Benguela, Ambriz e Cabinda. Entre 1750 e 1800, 599 navios transportaram 205.253 escravos do porto de Benguela para o Brasil.

Foi somente depois da chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro que a região de Moçambique foi incorporada ao tráfico atlântico de escravos, como resultado dos esforços de traficantes cariocas. Os principais portos de embarque eram Mombaça, Quelimane e Inhambane.

1



2



3



## Valongo, o Mercado de Escravos

### Painel 17

*"Depois de desembarcados eles são levados para os depósitos e expostos. É um espetáculo triste e revoltante ver aquela*

massa negra de corpos, onde se distingue apenas o branco dos olhos e dos dentes. A maioria é de verdadeiros esqueletos". (Taunay e Denis - 1824)

"Os negros recém-chegados causam uma impressão horrível. É um espetáculo que deixa dúvidas sobre sua humanidade: a boca aberta, um olhar parado, inexpressivo e assustado. Os movimentos são desengonçados e canhestros.

Vendo um macaco sem seus pêlos tem-se a tentação de considerá-lo homem, antes que ao negro que acaba de ser arrastado de sua longínqua pátria". (C. Seidler - 1824)

"A loja tinha cerca de 300 crianças, machos e fêmeas. Os mais velhos teriam entre 12 ou 13 anos e os mais novos não mais que 6 ou 7 anos.

As pobres coisinhas estavam agachadas em um imenso depósito, meninos de um lado, meninas de outro. Tudo o que vestiam era um pedaço de pano azul e branco amarrado na cintura. Se não estivessem separados, seria impossível distinguir os garotos das garotas.

O cheiro e o calor do aposento eram opressivos e repugnantes. Meu termômetro de bolso marcava cerca de 35 graus". (C. Brand - 1827)

"Assim que o comprador entra o vendedor faz um sinal e todo o harém se agita, e começa a gritar e a dançar, como se para provar que têm pulmões e que compreendem à maravilha a servidão. Infeliz é aquele que não imita seus companheiros. O chicote bate no seu flanco e pedaços de carne negra voam pelo ar". (J. Arago - 1817)



1) ISIDORF LAURENT DERROY, seg. J. M. RUGENDAS "Nègres a Fond de Calle" (Negros no porão de um navio) [Paris], c. 1827-1835

Litografia, 35,8 x 55,4 cm

Acervo Museu Castro Maya-IPHAN/MinC [reg. MEA 3559]

2) ISIDORF LAURENT DERROY & LÉON JEAN BAPTISTE SABATIER, seg. J.M. RUGENDAS

"Débarquement" (Desembarque de escravos), [Paris] c. 1827- 1835

Litografia colorida 35,7 x 55,5 cm

Acervo Museu Castro Maya-IPHAN/MinC [reg. MEA 3315]

3) H. ALKEN E HENRY CHAMBERLAIN

"The Slave Market" (Mercado de Escravos) [Paris], c. 1822

Água-tinta colorida sobre papel, 19,6 x 28,2cm

Acervo Museu Castro Maya - IPHAN/MinC [reg. MEA 3376]

4) JEAN BAPTISTE DEBRET (del.) & THIERRY FRÈRES (lit.)

"Loge (sic) da Rua do Valongo", c. 1820-1830

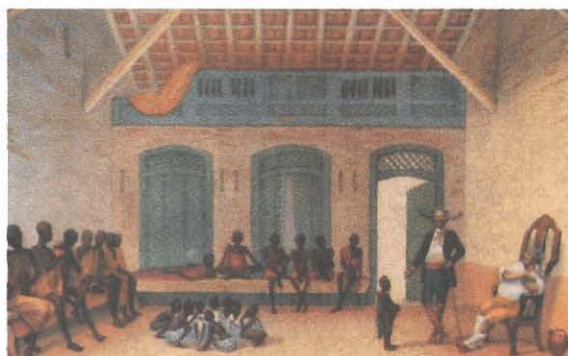
Aquarela 17, 5 x 26, 2

Acervo Museu Castro Maya-IPHAN/MinC [reg. MEA 231]

5) AUGUSTUS EARLE (del.) e EDWARD FINDEN (sculpt.)

"Slave Market at Rio de Janeiro" (Mercado de escravos no Rio de Janeiro), 1824.

Gravura 18 x 24,5 cm



Cerca de 40% dos escravos desembarcados no Rio de Janeiro morriam antes de se passarem quatro anos.

## Conclusões

### Painel 18

"A verdade consiste em evitar o esquecimento. Existe um dever de memória, principalmente em relação ao que dói e incomoda."

Jacques Le Goff

Os resultados da análise feita pela antropologia biológica, embora preliminares, apontam para uma possível confirmação de aspectos da escravidão no Brasil já indicada pelos historiadores:

- a maior parte dos africanos trazidos pelo tráfico tinha entre 10 e 25 anos de idade;
- eles pertenciam a diferentes grupos étnicos;
- havia grande predominância do sexo masculino;
- ocorria cremação dos corpos como meio de agilizar os enterramentos.



1) ISIDORE LAURENT DEROY, seg. J.M. RUGENDAS  
"Marché aux Nègres" (Mercado de negros) [Paris] c. 1827-1835

Litografia 36,2x 55,1 cm

Acervo Museu Castro Maya-IPHAN/MinC [reg. MEA 3355]

2) Paul Harro-Harring (del.)

"Inspection de nègresses nouvellement débarquées de l'Afrique" (Inspeção de negras recém chegadas da África) S/D, c. 1840

Aguada [sêpia] 20,7 x 32,0

Acervo Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro/São Paulo

## FONTES

### Manuscritas

Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro  
Livro de Óbitos - Freguesia de Santa Rita [1824-1830]  
Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro  
Cemitério dos "negros novos" - morro da Saúde, Valongo. Códice 58-2-1  
Livros de Lançamento de Imposto Predial Urbano: Santa Rita / Candelária / Santana, 1810/1830  
"Projecto de Construção com aproveitamento das meiações laterais", constando de planta baixa, fachada e vista lateral. Rua da Harmonia, nº 36 - 26/05/1913 [Doc. 2219]

### Arquivo Nacional

Fundo: Col. Série Saúde - Ministério do Reino e do Império  
"Provedoria da Saúde-Ofícios e Documentos Diversos" - I S 4 2 1818/1828 - S.D.E.

### Impressas

ARAGO, Jacques Étienne Victor - Souvenirs d'un aveugle. Voyage autour du monde par Jacques Arago. Tome Premier. Paris, H. Lebrun Editeur, s/d [nouvelle édition revue et augmentée].  
ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro (monsenhor Pizarro) - Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, INL, Imprensa

Nacional, 1943.

BRAND, Chas - Journal of a voyage to Peru (...). London, Henry Colburn, 1828.  
DEBRET, Jean Baptiste - O Brasil de Debret Belo-Horizonte, Ed. Vila Rica, 1993. [Col. Imagens do Brasil, vol.2]  
EBEL, Ernst - O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.  
FREYREYSS, G.W. - Viagem ao interior do Brasil. Belo-Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1982.  
LAVRADIO, Marquês de. Relatório. Rio de Janeiro, Revista do RIHGB, v. 4, 1842.  
RAPOSO, Luciano. Marcas de Escravos. Listas de escravos emancipados vindos a bordo de navios negreiros (1839-1841). Rio de Janeiro, Arquivo Nacional-Ministério da Justiça/CNPq, 1990. [Pub.Históricas, 90]  
RUGENDAS, Johann Moritz - Viagem Pitoresca através do Brasil. B. Horizonte, Ed. Itatiaia; S. Paulo, EDUSP, 1989.  
SEIDLER, Carl Friedrich Gustav - Dez Anos no Brasil. B.-Horizonte, Itatiaia; S. Paulo, EDUSP, v.159, 1980.  
TAUNAY, Hippolyte e DENIS, Ferdinand - Notice Historique et Explicative du Panorama de Rio de Janeiro. Paris, chez Nepveu Libraire. Passage des Panoramas, 1824.  
WALSH, Robert - Notícias do Brasil (1828-1829). B. Horizonte, Ed. Itatiaia; S. Paulo, EDUSP, v.2, 1985.  
OBRAS DE REFERÊNCIA  
ICONOGRÁFICA  
BARREIROS, Eduardo Canabrava - Atlas da Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (1565-1965)

Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1965.  
BERGER, Paulo - Pinturas e Pintores do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora Ltda, 1990.  
BELUZZO, Ana Maria de M. - A Construção da Paisagem. S. Paulo, Metalivros; Salvador, F. Emílio Odebrech, 1994  
CARDOSO, Elizabeth D. et al - História dos Bairros - Saúde, Gamboa, Santo Cristo, Zona Portuária. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Editora Index Ltda, 1987.  
CZAJKOWSKI, Jorge. (Org.) - Do Cosmógrafo ao Satélite - Mapas da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 2000.  
FERREZ, Gilberto (org.) - A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Banco Boavista S.A., 1965.  
Iconografia do Rio de Janeiro. 1530-1890. Catálogo Analítico. Rio de Janeiro, Casa Jorge Editorial, 2000 [vol. I-II].  
FLORENTINO, Manolo Garcia - Em Costas Negras. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.  
GOULART, José Alípio - Da Palmatória ao Patíbulo - Castigos de Escravos no Brasil. Rio de Janeiro, Conquista, 1971.  
HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (curadoria geral) - Visões do Rio na Coleção Geyer. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 2000  
KARASCH, Mary C. - A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de - A Travessia da Calunga Grande. Três Séculos de Imagens sobre o Negro no Brasil (1637-1899). São Paulo, EDUSP, 2000 [USPIANA, Brasil 500]  
SALVADOR, José Gonçalves - Os magnatas do Tráfico Negro. São Paulo, Pioneira Editora, EDUSP, 1981.  
SANTOS, Norberto R.J. dos - "Mutilações Dentárias em Pretos de Moçambique". Lisboa, Revista Garcia de Orta, v.10 (2), 1962: 263-282.  
SCISÍNIO, Alair Eduardo - Dicionário da Escravidão. Rio de Janeiro, Leo Christiano Editorial Ltda, 1997.  
THOMAS, Hugh - The Slave Trade. The History of the Atlantic Slave Trade, 1440-1870. London, Picador, 1997.  
UBELAKER, D.H. - Human Skeleton Remains, Excavation, Analysis and Interpretation. Washington, D.C. Taraxacum Press, 2a ed., 1987.



**mês**  
da consciência  
**negra**

**Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro**  
**Cesar Maia**

**Secretário das Culturas**  
**Ricardo Macieira**

**Diretor do Departamento Geral de Patrimônio Cultural**  
**Cláudio Murilo Leal**

**Diretor do Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural**  
**Antonio Olinto**

**Diretor do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**  
**Antonio Carlos Austregésilo de Athayde**

**Diretora do Departamento Geral de Ação Cultural**  
**Paula Damiana Ibarra Varzea**

**Diretora do Centro Cultural José Bonifácio**  
**Carmem Luzia Ferreira Cardoso**

**Divisão de Pesquisa do Arquivo da Cidade**  
**Sandra Horta**

**Divisão de Cadastro e Pesquisa - DGPC**  
**Eliana Monteiro Caetano**

